

## ESTUDO SOBRE EPÊNTESE EM ESPANHOL NA PRODUÇÃO DE ESTUDANTES BRASILEIROS<sup>1</sup>

### STUDY ON THE EPENTHESIS IN SPANISH IN BRAZILIAN STUDENTS' PRODUCTION

Nycole Souza Prietsch <sup>2</sup>  
Luciene Bassols Brisolará <sup>3</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho estudou a produção de encontros consonantais em espanhol de estudantes brasileiros, a fim de examinar se haveria realização de epêntese vocálica, fenômeno de inserção de uma vogal entre consoantes de sílabas diferentes. Foram consideradas palavras cognatas e não-cognatas do português e do espanhol para ver se havia diferenças entre essas palavras e também se verificou se havia influência dos padrões silábicos da língua materna durante a produção em língua estrangeira. Participaram desse estudo graduandos de Letras – Português/Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande do primeiro e do quinto semestres. Os dados de produção desses estudantes foram submetidos à análise estatística através do programa GoldVarbX (2005), que identificou quais contextos linguísticos e extralinguísticos eram mais favorecedores da realização do fenômeno de epêntese. Acreditava-se que a taxa de realização de epêntese entre os estudantes do primeiro semestre seria maior do que a taxa de realização do fenômeno entre os graduandos do quinto semestre, em virtude do pouco contato com a língua-alvo por parte dos estudantes de nível inicial. Contrariando o que se esperava, no entanto, os resultados mostraram uma baixa porcentagem de realização de epêntese, de modo que os estudantes conservaram os padrões silábicos da língua estrangeira durante sua produção, mantendo os encontros consonantais e evitando a inserção do segmento vocálico, independentemente do semestre em que estavam matriculados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aprendizagem de língua estrangeira; Epêntese vocálica; Transferência linguística.

#### ABSTRACT

The following work studied the production of consonant clusters in Spanish from Brazilian students to examine if there would be vocalic epenthesis implementation, insertion phenomenon of a vowel between different syllable consonants. Cognate and non-cognate words in Portuguese and Spanish were considered to verify if there would be differences between the production of this words. It was also verified if there would be syllabic pattern influence from the native/mother language during foreign language production. Undergraduate students from the first and fifth semesters on the Portuguese/Spanish Language teaching course of the Federal University of Rio Grande participated in this study. The data production of these students was subjected to statistical analysis through GoldVarbX program (2005), that identified in which linguistic and extralinguistic contexts were more favoring of epenthesis completion. It was believed that the epenthesis

<sup>1</sup> Este texto é um recorte da dissertação de mestrado “A epêntese na produção em espanhol de estudantes brasileiros do Sul do Brasil”, defendida em fevereiro de 2022 e orientada pela Profa. Dra. Luciene Bassols Brisolará.

<sup>2</sup> Mestre em Letras, área de Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-graduação na Universidade Federal de Rio Grande (FURG); Professora de Língua Portuguesa na Secretaria Municipal de Educação (SMED) em Rio Grande/RS. Contato: nyprietsch@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Professora associada III da Universidade Federal do Rio Grande (FURG); Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Contato: lucienebrisolará@furg.br

implementation rate among students from the first semester would be higher than the phenomenon implementation rate among the students from the fifth semester due to lower contact with the target language of the initial level students. Against what was expected, however, the results showed a low percentage of the epenthesis phenomenon so that the students conserved the foreign language syllabic patterns during their production, keeping the consonant clusters and avoiding the vocalic segment insertion, regardless of the semester they were enrolled.

**KEYWORDS:** Foreign language learning; Language transfer; Vowel epenthesis.

## INTRODUÇÃO

Estudos realizados sobre aprendizagem de língua estrangeira costumam apontar para transferências linguísticas (GASS; SELINKER, 2008) da língua materna de um aprendiz para a língua-meta durante o processo de aprendizagem, inclusive na produção oral. Essas transferências podem acontecer nos diferentes níveis da língua – por exemplo, lexical, fonológico ou sintático –, e podem ser mobilizadas enquanto estratégia de aprendizagem ou de comunicação.

Na área da fonética e fonologia, estudos como os de Pereyron (2008) e Schneider e Schwindt (2010), sobre realização de epêntese em língua estrangeira – fenômeno de inserção de um segmento vocálico ou consonantal em uma sílaba –, apresentaram resultados que indicam a transferência da língua materna dos aprendizes durante o momento de produção na língua meta, ainda que a língua estrangeira e a metodologia dessas pesquisas não tenham sido as mesmas.

Nessa mesma esteira, o presente estudo buscou analisar a produção de palavras cognatas e não-cognatas do português e do espanhol de estudantes brasileiros do primeiro e do quinto semestre da graduação em Letras – Português/Espanhol, a fim de verificar se haveria realização de epêntese durante a leitura dessas palavras e se isso dependeria do semestre no qual estavam os estudantes. Ainda, o estudo buscou responder, com base em análise estatística com o suporte do software GoldVarbX (2005), quais os contextos linguísticos e extralinguísticos mais favorecedores da realização da epêntese.

O estudo considerou as seguintes hipóteses: a) Devido à carga horária voltada ao ensino de língua espanhola durante a graduação e considerando o semestre dos participantes, haveria uma maior taxa de realização de epêntese nos dados de alunos do primeiro semestre em comparação com os alunos do quinto, de modo que o semestre da graduação em Letras seria um fator de relevância para a realização do fenômeno; b) As palavras cognatas influenciariam na inserção do segmento vocálico muito mais que as palavras não-cognatas, em função de sua semelhança com a língua materna dos aprendizes.

Dada a relevância do tema para estudos sobre aprendizagem de língua estrangeira, essa investigação pretende possibilitar que transferências fonético-fonológicas sejam antecipadas durante o processo de aprendizagem de estudantes brasileiros, além de poder ajudar a prever dificuldades que esses estudantes possam manifestar. A presente pesquisa se alinha com os estudos de Pereyron (2008) e Schneider e Schwindt (2010), também sobre realização de epêntese em língua estrangeira (inglês), mas se difere ao trabalhar com palavras cognatas e não-cognatas do português e do espanhol.

O artigo está dividido nas seguintes seções: as duas primeiras seções descrevem a sílaba em português e em espanhol e o fenômeno de epêntese. Em seções seguintes, são apresentados a metodologia, os resultados e as conclusões deste trabalho.

### A sílaba em português e espanhol

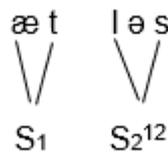
A sílaba, enquanto estrutura basilar, é unidade fundamental e é onde ocorrem algumas regras e processos fonológicos das línguas (BISOL, 1999). Em português, por exemplo, é na sílaba

que acontece a vocalização de /l/ em coda, como em ‘sol’ [ˈsɔw], e, em espanhol, a realização das oclusivas /b, d, g/ como as fricativas [β, ð, ɣ] quando em posição intervocálica (LLORACH, 1995), como acontece em ‘cada’ [ˈkaða].

São duas as principais teorias da sílaba: a Teoria Autossegmental e a Teoria Métrica. A Teoria Autossegmental, defendida por Kahn (1976) e Itô (1986), entende que a sílaba é constituída em camadas e vê os segmentos como sendo independentes, sem que haja uma íntima relação hierárquica entre eles. A Teoria Métrica, defendida por Pike (1967) e Selkirk (1982, 1984), por outro lado, entende que a língua se estrutura de forma binária, de modo que há o ataque e a rima e, esta, por sua vez, é dividida em núcleo e coda. Essa teoria afirma haver uma relação bastante estreita entre o núcleo e a coda de uma mesma sílaba, mas o mesmo não acontece entre o núcleo e o ataque, por exemplo, ou entre o ataque e a coda.

Fundamentado na Teoria Autossegmental, Kahn (1976) afirma que a sílaba é a menor unidade bem definida dentro de uma língua que pode ser percebida e produzida, de tal forma que é menor do que uma palavra e maior do que um segmento. A sílaba é de grande significância fonológica, porque sua estrutura se conecta aos segmentos de maneira direta e forma camadas independentes, o que a torna domínio de aplicação de diferentes regras fonológicas.

Figura 1: Estrutura silábica segundo Kahn (1976)

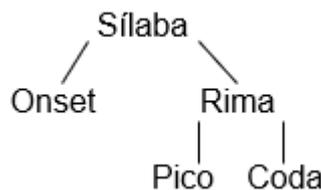


Fonte: Kahn (1976, p. 36)

Itô (1986), além de defender essa mesma representação, também afirma que os segmentos da sílaba se organizam conforme sua sonoridade, de modo que os segmentos picos de sonoridade devem estar entre segmentos de sonoridade menor. Conforme a autora, existem regras e condições que definem a boa formação da sílaba, como as regras de *onset* e de coda, que definem quais segmentos podem ocupar essas posições, e o Licenciamento Prosódico, que prevê uma estrutura prosódica superior que une todas as unidades fonológicas (ITÔ, 1986).

Com base na Teoria Métrica, Selkirk (1982), por outro lado, entende que existem unidades menores dentro de uma mesma sílaba, de modo que sua estrutura se define binariamente. Para a autora, a sílaba é uma unidade fundamental por três razões: é na sílaba que se explicam as restrições fonotáticas de uma língua, que pode ser feito o exame de segmentos suprasssegmentais e que se aplicam regras e processos fonológicos. Conforme a autora, a sílaba pode ser representada por um esquema arbóreo, que define a estrutura silábica como sendo construída de *onset* (ataque), pico e coda. Os dois últimos formam a rima – o pico de uma sílaba, que contém o núcleo silábico; este é o único elemento indispensável. Para Selkirk (1982), pico e coda formam uma unidade (a rima) e *onset* e coda ficam nas margens de uma sílaba:

Figura 2: Estrutura silábica segundo Selkirk (1982)

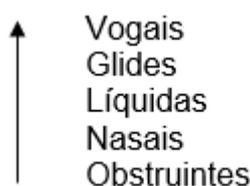


Fonte: Selkirk (1982, p. 341)

Conforme a autora, as sílabas podem ser leves ou pesadas, conforme a ramificação de seus constituintes, de modo que o seu peso será determinado pela complexidade da rima. O ataque também poderá ser complexo, quando dois segmentos ocuparem essa posição (como **'fraco'**, do português), mas o peso será determinado apenas pela complexidade da rima. Assim, quando as sílabas forem de molde CVC (consoante, vogal, consoante) ou CVV (consoante, vogal longa/ditongo), as sílabas serão pesadas devido a sua rima ramificada, ou seja, há um segmento ocupando a posição de núcleo silábico e outro ocupando a posição de coda (como em **'parte'**, do português). Quando mais de um segmento estiver ocupando a posição de coda, a sílaba também será pesada (como em **'transporte'**, do português).

Selkirk (1982) também afirma que os segmentos obedecem a uma hierarquia de sonoridade, de modo que o núcleo será sempre o constituinte mais sonoro de uma mesma língua – na maioria dos casos será uma vogal, mas também poderá ser uma consoante líquida ou nasal, dependendo da língua. Os segmentos de ataque e coda terão sonoridade inferior, sendo que o segmento da coda deverá ser o elemento menos sonoro da sílaba. A sonoridade de cada segmento é estabelecida conforme a escala de sonoridade definida universalmente. Selkirk (1984) sugere a escala que compreende os segmentos vocálicos como os mais sonoros e as consoantes obstruintes como as menos sonoras:

Figura 3: Escala de sonoridade



Fonte: Selkirk (1984)

Em português, conforme Câmara Jr. (1970), as sílabas poderão ter ataque e coda simples ou complexos, além de haver um movimento crescente em direção a um ápice, o núcleo, e um movimento decrescente após o ápice. O núcleo da sílaba será sempre uma vogal. Os moldes silábicos permitidos no português brasileiro são: V (**é**), VV (**ouro**), VC (**ir**), VCC (**instante**), CV (**só**), CCV (**tri**), CVV (**sai**), CVC (**mar**), CVCC (**monstro**), CCVC (**triste**), CCVCC (**transpirar**), CCVV (**frei**), CCVVC (**claustrofobia**).

Todas as 19 consoantes do sistema fonológico do português poderão ocupar a posição de ataque simples – o tepe poderá ocupar apenas a posição de ataque medial, isto é, início de sílaba, meio de palavra –, a saber: as consoantes oclusivas /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/, as consoantes fricativas /f/, /s/, /ʃ/, /v/, /z/, /ʒ/, as consoantes nasais /m/, /n/, /ɲ/, as consoantes líquidas /l/, /ʎ/ e as consoantes vibrantes /r/, /x/. Dessas, poderão formar ataque complexo apenas as consoantes oclusivas ou a fricativa labial /f/ seguida por uma vibrante ou lateral /r, l/. Na coda, se for simples, somente poderá haver os arquifonemas fricativo não-labial /S/ e nasal /N/ (CÂMARA JR, 1970), as consoantes vibrante e líquida /r/, /l/ ou as semivogais [j, w]. Se a coda for complexa, poderá haver qualquer um desses segmentos, salvo as consoantes vibrante e líquida /r, l/, seguidos da consoante sibilante /s/.

Em espanhol, conforme Llorach (1965), os ataques simples poderão ser constituídos por qualquer consoante do seu sistema fonológico: as oclusivas /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/, as fricativas /f/, /θ/, /s/, /x/, /j/, as nasais /m/, /n/, /ɲ/, a africada /tʃ/, as laterais /l, ʎ/, e as vibrantes /r, r/. Nos casos de ataque complexo, poderá haver uma consoante oclusiva ou a fricativa labial /f/ seguida da lateral /l/ ou da vibrante simples /r/. As codas simples poderão ser constituídas por consoantes sibilantes, nasais ou líquidas /s/, /N/, /L/, /R/, obstruintes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/ e o fonema [θ], que só existe no sistema fonológico do espanhol peninsular,

salvo as Ilhas Canárias e Andaluzia (BRISOLARA, 2016). A coda complexa, por outro lado, poderá ser formada por uma consoante nasal /n/ ou vibrante simples /r/ e ser seguida pela sibilante /s/. Em espanhol, são permitidos os moldes: V (**amaría**), VC (**arte**), VV (**euro**), VCC (**instauración**), CV (**comer**), CVC (**sal**), CCV (**gramado**), CVV (**ley**), CVCC (**constancia**), CCVC (**tres**), CCVV (**claudicar**), CCVVC (**clauastro**) e CCVCC (**transbordar**).

Em português e em espanhol são permitidos basicamente os mesmos moldes silábicos, embora nem todas as consoantes possam ocupar os mesmos espaços em ambas as línguas. O ataque simples, por exemplo, nas duas línguas poderá ser constituído por qualquer consoante do seu sistema fonológico, embora em espanhol haja certas especificidades de acordo com a região do falante (a interdental [θ], por exemplo, que só existe no sistema fonológico do espanhol peninsular). Os ataques complexos também permitem as mesmas consoantes em ambas as línguas: uma consoante oclusiva ou fricativa seguida de /l/ ou /r/. Na coda é que estão as principais diferenças entre as duas línguas: em português, só são permitidos os arquifonemas fricativo não-labial /S/ e nasal /N/ (CÂMARA JR, 1970), as consoantes vibrante e líquida /r/, /l/ ou as semivogais [j, w], enquanto o espanhol também permite as oclusivas /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /g/ e o fonema [θ]. Conforme apontam Brisolara e Costa (2013), aprendizes de espanhol brasileiros podem realizar epêntese durante a produção em espanhol por influência de sua LM, o português, a fim de obedecer à condição de boa formação da sílaba no PB; já em espanhol, sílabas com codas formadas por oclusivas ou fricativas são sílabas bem-formadas (como em ‘**adquirir**’ e ‘**construcción**’).

Essa seção finaliza a discussão aqui empreendida sobre as principais teorias da sílaba e sobre a descrição da sílaba em português e em espanhol, apresentando os moldes silábicos para cada uma das duas línguas. A próxima seção abordará o fenômeno da epêntese.

## O fenômeno da epêntese

A epêntese é o recurso de inserção de um segmento (vocálico ou consonantal) dentro de uma sílaba utilizado para solucionar problemas relacionados sobretudo às condições de boa formação de sílaba. É muito utilizado no português e, em alguns casos, pode acontecer durante a produção em LE. Essa inserção acontece quando um segmento é desassociado de um nó silábico (ITÔ, 1986), de modo que a epêntese ocorre para que a partir desse segmento possa-se criar uma nova sílaba, completa e de acordo com as condições de boa formação de sílaba. É o que acontece em palavras do português como “afta” [‘afita], “psicólogo” [‘pisi’kɔlɔgɔ] e ‘magno’ [‘maginɔ], por exemplo.

Esse fenômeno ocorre quando uma consoante não apta a ocupar a posição de coda ocupa essa posição, ferindo as condições de boa formação de sílaba. Assim, no caso da epêntese vocálica, a consoante perdida passa a ocupar a posição de ataque da nova sílaba a partir da inserção de um novo núcleo silábico, ou seja, a vogal epentética (COLLISCHONN, 2003). Em português, a epêntese vocálica costuma acontecer em casos de sílabas com oclusivas em coda, como nas palavras ‘observo’ e ‘admitir’, nas quais se tem uma oclusiva seguida por uma consoante fricativa e por uma consoante nasal, respectivamente. A partir da epêntese, as sílabas de molde VC (‘ob’ e ‘ad’) tornam-se formas de molde V.CV (‘o.bi’ e ‘a.di’), adequando as sílabas às condições de boa formação.

Segundo Collischonn (1996),

- (a) o mapeamento do molde ocorre da direita para a esquerda;
- (b) sempre que o molde encontra uma consoante perdida, ou seja, não associada a nenhum nó ‘σ’ em passagens anteriores do mapeamento, ele procura inserir um elemento V à esquerda de C’;
- (c) se isto não for possível, porque C’ é uma consoante não permitida em final de sílaba, o molde insere um elemento V à direita de C’ (COLLISCHONN, 1996, p. 155)

Assim, nos casos de palavras como ‘pneu’, a epêntese ocorre à direita da consoante, porque a oclusiva /p/ não pode ocupar a posição de coda. A epêntese, portanto, gera uma sílaba de molde CV (‘pi’). Nos casos de palavras como ‘skol’, por outro lado, a inserção é feita à esquerda da consoante, porque consoantes sibilantes (e também nasais) estão aptas a ocupar a posição de coda no português, de modo que não há problema em formar uma sílaba de molde VC (‘is’) (COLLISCHONN, 1996).

Estudos como os de Collischonn (2004) e Azevedo (2016), sobre a realização de epêntese em português, mostram que a epêntese tende a ocorrer majoritariamente em palavras de acentuação pretônica, como em ‘objeto’ e ‘opção’, e quando consoantes oclusivas estão em contato com fricativas não sibilantes e nasais, como em ‘advogado’ e ‘mogno’. Estudos como os de Pereyron (2008) e Schneider e Schwindt (2010), sobre a realização de epêntese em inglês LE, também apontaram conclusões interessantes sobre o fenômeno.

Em Pereyron (2008) foi observado que a epêntese costuma ocorrer sobretudo quando a consoante perdida é a oclusiva [g], em especial quando seguida por uma consoante nasal, como em ‘*magnet*’ do inglês. Já em Schneider e Schwindt (2010), estudo sobre a realização de epêntese na produção em inglês de estudantes brasileiros, os resultados apontaram uma taxa de 39,4% de realização de epêntese na amostra de fala do português (LM dos participantes) e 15,5% na amostra de fala do inglês de estudantes brasileiros.

## Metodologia

O estudo foi realizado com a participação de 18 estudantes do curso de Letras – Português/Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande, vinculados ao Instituto de Letras e Artes<sup>4</sup>. Dentre esses estudantes, nove cursavam o primeiro semestre e nove o quinto semestre da graduação. Os critérios de inclusão dos participantes no estudo foram ser falante nativo do português brasileiro, natural da região sul do Brasil e ser estudante do curso de Letras – Português/Espanhol, sem que tivessem estudado outra LE além do espanhol formalmente (salvo durante a educação básica)

Os estudantes foram convidados a participar do estudo através dos professores das disciplinas de Língua Espanhola I e V. Aqueles que aceitaram, receberam o link de acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por e-mail.

Aos alunos que deram seu consentimento para participar do estudo, foi enviado também por e-mail um link de acesso a um questionário de informações pessoais e relativas ao conhecimento de língua espanhola, como idade e cidade natal e autoavaliação da proficiência na língua estrangeira. O questionário foi importante inicialmente para verificar se os participantes poderiam ser incluídos no estudo e, posteriormente, para o momento de interpretação dos resultados.

A coleta foi realizada remotamente, dada a pandemia de Covid-19, e todo o material de coleta (instrumento de pesquisa e gravações) foi enviado por e-mail nos meses de agosto e setembro de 2021. Os dados de produção em espanhol foram coletados através da leitura da frase-veículo *Diga XXX, por favor*, preenchidas com palavras cognatas (‘*alumno*’, ‘*dogma*’, ‘*nafta*’) e não cognatas (‘*rámneo*’, ‘*agnomento*’, ‘*escéptico*’). A escolha de um instrumento de leitura de frases-veículo foi feita com o fim de garantir palavras com os contextos linguísticos apresentados na literatura como pertinentes para o fenômeno de epêntese na língua materna dos aprendizes de espanhol (COLLISCHONN, 2004; PEREYRON, 2008; SCHNEIDER; SCHWINDT, 2010; EVANGELISTA, 2017). A leitura de frases-veículo também foi importante para controlar ritmo e entonação durante o momento de produção.

<sup>4</sup> O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), sob o parecer de número 43322021.7.0000.5324.

Foram escolhidas 22 palavras no total – 11 cognatas e 11 não-cognatas – e outras 9 palavras distratoras. A escolha das palavras deu-se, primeiramente, por serem ou não cognatas do português e do espanhol e, depois, conforme a formação dos encontros consonantais – se formados por consoante nasal mais nasal, oclusiva mais nasal ou fricativa mais nasal; se formados por consoante oclusiva mais oclusiva, fricativa mais oclusiva ou oclusiva mais fricativa. Considerando tais encontros consonantais, foram utilizadas palavras que poderiam ser produzidas com epêntese em codas mediais, isto é, final de sílaba, meio de palavra.

O instrumento de coleta foi enviado a cada participante através de uma apresentação de Power Point, com transição automática de cinco segundos entre um slide e outro. No início da apresentação, havia as instruções para a gravação da coleta e, em seguida, os slides com as frases – sendo para cada frase, um slide. Totalizaram-se 29 frases – 22 contendo as palavras que foram analisadas e sete contendo as distratoras –, cada uma aparecendo duas vezes durante a apresentação, resultando em 58 frases no total. Cada participante gravou sua própria fala com o microfone do seu celular ou computador e enviou a gravação por e-mail.

Os dados de produção foram analisados de forma oitiva pela pesquisadora responsável pelo estudo<sup>5</sup>, e, em seguida, inseridos no programa GoldVarbX (2005) para a realização da análise estatística. Para a análise estatística, a variável dependente foi a realização ou não da epêntese vocálica, isto é, a presença ou ausência da vogal epentética. O estudo considerou as seguintes variáveis independentes linguísticas: ‘consoante-alvo’, que observou a consoante em coda da sílaba analisada; ‘contexto seguinte à consoante-alvo’, que observou a consoante imediatamente seguinte à consoante-alvo; ‘tonicidade’, que observou a tonicidade da sílaba na qual estava a consoante-alvo; e ‘palavras cognatas’, que separou as palavras entre ‘cognatas’ e ‘não-cognatas’.

As variáveis independentes extralinguísticas foram ‘repetição da palavra’, que possibilitou observar individualmente as duas leituras de cada palavra; ‘semestre do estudante’, se primeiro ou quinto; e ‘participante’, que observou o comportamento individual, isto é, a realização ou não de epêntese de cada estudante durante a leitura das frases.

## Resultados e discussão

No total, foram 748 dados analisados, o que não corresponde ao número total de palavras lidas, visto que alguns dados tiveram que ser excluídos devido à leitura incorreta, o que ocasionou a supressão do encontro consonantal que poderia gerar a epêntese, por exemplo, ‘*cócido*’, lido como ‘*cócido*’ [‘kosido] e ‘*alumno*’, lido como ‘*aluno*’ [a‘luno]. Dentre esses 748 dados analisados, 273 apresentaram a realização da epêntese vocálica, enquanto em 475 dados não houve a aplicação da regra. Assim, obteve-se uma porcentagem de 36,5% de realização de epêntese e 63,5% de preservação do encontro consonantal.

Há de se considerar que o baixo índice de epêntese encontrado no presente estudo pode ter sido ocasionado pelo tipo de instrumento de coleta de dados, ou seja, leitura de palavras em frase-veículo, já que os estudantes têm acesso à palavra ortográfica, o que poderia auxiliar na manutenção do encontro consonantal. Além disso, como não foi considerada a frequência lexical dos vocábulos, a fim de garantir os encontros consonantais apontados pela literatura de PB como favorecedores do fenômeno, pode ser que a baixa frequência de alguns itens lexicais nas palavras cognatas tenha ocasionado na produção das consoantes, não ocorrendo a inserção da vogal. Tais questões precisam ser estudadas de forma mais aprofundada em pesquisas futuras.

Os resultados obtidos estão em conformidade com os encontrados em Pereyron (2008) e em Schneider e Schwindt (2010), ambos sobre realização de epêntese em inglês, pois apesar de ter apresentado taxa maior de realização do fenômeno, a porcentagem também está abaixo dos 50%.

<sup>5</sup> Para garantir a presença ou ausência da epêntese, as palavras foram ouvidas três vezes; além disso, algumas palavras foram analisadas acusticamente e em todas elas a presença ou ausência da vogal indicou o mesmo resultado encontrado na análise oitiva. Para maiores informações, ler Prietsch (2022).

Em Pereyron (2008), a taxa de realização de epêntese em inglês língua estrangeira foi de 22% e, em Schneider e Schwindt (2010), a taxa foi de 15%. Esses dados parecem indicar que os estudantes tendem a preservar muito mais a fonologia da língua estrangeira do que a transferir aspectos de sua língua materna durante o momento de produção.

Sobre a realização de epêntese, as variáveis independentes selecionadas pelo programa como estatisticamente relevantes foram ‘consoante-alvo’, ‘contexto seguinte à consoante-alvo’, ‘participante’ e ‘repetição da palavra’, exatamente nessa ordem. Por outro lado, foram excluídas as variáveis ‘tonicidade’, ‘palavras cognatas’ e ‘semestre do estudante’, também nessa ordem. Na Tabela 1, são expressos os resultados da variável ‘consoante-alvo’.

**Tabela 1: Aplicação da regra de epêntese a partir da variável ‘consoante-alvo’**

Consoante-alvo	N	%	Peso relativo
<b>Fricativa</b> ( <i>‘rododafne’</i> )	100/206	48,5	0,633
<b>Oclusiva</b> ( <i>‘ábside’</i> )	148/402	36,8	0,549
<b>Nasal</b> ( <i>‘alumno’</i> )	25/140	17,9	0,203
<b>Total</b>	273/748	36,5	—

Input: 0.339

Significância: 0.010

Log Likelihood: -425.881

Fonte: Prietsch (2022, p. 88)

A variável ‘consoante-alvo’ evidenciou que a fricativa [f] foi a que mais favoreceu a aplicação da regra de epêntese, com um total de aplicação em 100 dos 206 dados totais, um total de 48,5% e peso relativo 0,633. Em seguida, as oclusivas foram as que mais favoreceram a inserção da vogal epentética, de modo que a regra foi aplicada em 148 dos 402 dados totais, uma porcentagem de 36,8 e peso relativo 0,549. As consoantes nasais, por outro lado, foram as que menos influenciaram a realização da epêntese: em apenas 25 dos 140 dados totais houve realização de epêntese, num total de 17,9% e peso relativo 0,203. Uma explicação para essa baixa realização do fenômeno em relação às consoantes nasais pode ser o fato de o arquifonema /N/ (CÂMARA JR., 1970) poder ocupar a posição de coda simples tanto em português quanto em espanhol (cf. LLORACH, 1965), de modo que a epêntese não se faz necessária para a correção de boa-formação da sílaba.

A Tabela 2 apresenta os resultados para a variável ‘contexto seguinte à consoante-alvo’.

**Tabela 2: Aplicação da regra de epêntese a partir da variável ‘contexto seguinte à consoante-alvo’**

Contexto seguinte à consoante-alvo	N	%	Peso relativo
<b>Nasal</b> ( <i>‘dafne’</i> )	137/354	38,7	0,613
<b>Oclusiva</b> ( <i>‘afgano’</i> )	105/207	38,9	0,435
<b>Fricativa</b> ( <i>‘facsimil’</i> )	31/124	25,0	0,322
<b>Total</b>	273/748	36,5	—

Input: 0.339

Significância: 0.010

Log Likelihood: -425.881

Fonte: Prietsch (2022, p. 89)

Os resultados indicaram que, assim como ocorreu nos estudos de Pereyron (2008) e Azevedo (2016), quando consoantes nasais estão imediatamente após a consoante-alvo, em posição de ataque da sílaba seguinte, houve maior realização de epêntese.

Os resultados mostram que, em 137, dos 354 dados totais, houve aplicação da regra, uma porcentagem de 38,7 de realização e peso relativo 0,613. Logo em seguida, as consoantes oclusivas foram as que mais favoreceram a realização do fenômeno: houve epêntese em 105 dos 207 totais, 38,9% de realização e peso relativo 0,435. As consoantes fricativas, por outro lado, foram as que menos favoreceram a realização de epêntese: em 31 dos 174 dados houve aplicação da regra, 25% de realização e peso relativo 0,322.

A Tabela 3 apresenta os resultados de realização de epêntese a partir da variável ‘participante’.

**Tabela 3: Aplicação da regra de epêntese a partir da variável ‘Participante’**

Participante	N	%	Peso relativo
K	29/42	69	0,828
Y	22/44	50	0,653
E	22/44	50	0,651
A	19/40	47,5	0,612
V	19/44	43,2	0,600
F	19/42	45,2	0,582
T	17/40	42,5	0,570
H	18/42	42,9	0,566
P	14/40	35	0,486
L	15/44	34,1	0,467
O	11/38	28,9	0,467
J	13/42	31	0,459
Z	11/44	25	0,382
N	11/44	25	0,373
G	11/40	27,5	0,367
C	9/40	22,5	0,335
B	8/38	21,1	0,327
R	5/40	12,5	0,211
<b>Total</b>	273/748	36,5	—

Input: 0.339

Significância: 0.010

Log Likelihood: -425.881

Fonte: Prietsch (2022, p. 90)

Os resultados da variável ‘participante’ mostraram que a grande maioria dos estudantes teve o mesmo comportamento: a realização de epêntese não ultrapassou 50%. Apenas um dos

participantes, o participante 'K', realizou o fenômeno em 29 dos 42 dados totais, 69% de realização e peso relativo 0,828. Observando o questionário respondido pelos participantes antes de realizar a coleta, evidenciou-se que este é o mais velho entre todos, está no quinto semestre de graduação e, em sua autoavaliação de proficiência na produção oral em espanhol, ele marcou nível 'razoável'. Conforme suas respostas no questionário, a única LE que ele havia estudado antes da graduação em Letras havia sido o inglês. Essas observações podem ajudar a compreender seu alto nível de realização de epêntese, sobretudo quando comparado aos outros participantes. O participante 'R', por outro lado, foi o que menos aplicou a regra de epêntese: em apenas 5 dos 40 dados, 12,5% de realização e peso relativo 0,211. Esse participante é um dos mais jovens, está no primeiro semestre da graduação e, conforme suas respostas no questionário, começou a estudar espanhol ainda no ensino fundamental.

Em 'repetição da palavra', esperava-se observar se os participantes produziam epêntese apenas na primeira leitura, somente na segunda, ou, ainda, nas duas leituras de cada palavra. A Tabela 4 apresenta os resultados a partir dessa variável.

**Tabela 4: Aplicação da regra de epêntese a partir da variável 'repetição da palavra'**

Repetição da palavra	N	%	Peso relativo
<b>Primeira repetição</b> ([afi'gano], [af'gano])	48/96	50	0,607
<b>Segunda repetição</b> ([fak'simil], [faki'simil])	56/113	49,6	0,597
<b>Ambas as leituras</b> (['dafine], ['dafine])	169/539	31,4+	0,460
<b>Total</b>	273/748	36,5	—

Input: 0.339

Significância: 0.010

Log Likelihood: -425.881

Fonte: Prietsch (2022, p. 91)

Conforme resultados, os participantes realizaram mais epêntese na primeira leitura das palavras, de modo que esse foi o fator mais relevante para aplicação da regra: houve epêntese em 48 dos 96 dados totais, 50% de realização e peso relativo 0,607. Os resultados para a segunda leitura foram de 56 dados com epêntese, de 113 no total, 49,6% de realização e peso relativo 0,597. O fator 'ambas' foi o que menos favoreceu a aplicação da regra: houve epêntese em 169 dos 539 dados totais, 31,4% de realização e peso relativo 0,460. É interessante observar que os participantes mantiveram muito mais o mesmo comportamento em ambas as leituras, que, em grande parte das vezes, foi a manutenção do encontro consonantal.

Após a análise das variáveis selecionadas como relevantes para a aplicação da regra de epêntese, foram feitos dois cruzamentos entre elas: um entre 'consoante-alvo' e 'contexto seguinte à consoante-alvo' e outro entre 'participante' e 'repetição da palavra'. No primeiro cruzamento, os resultados mostraram que encontros consonantais formados por oclusivas seguidas de nasais eram os que mais favoreciam a realização de epêntese.

De 142 dados totais nos quais havia o encontro formado por essas consoantes, como nas palavras 'dogma' e 'agnomento', em 78 houve realização de epêntese, um total de 55%. Esse resultado está de acordo com os resultados encontrados em Collischon (2004), os quais também indicaram que em casos de consoante oclusiva seguida por nasal, há maior favorecimento de realização de epêntese. Segundo a autora, a sonoridade pode explicar esse favorecimento, visto que consoantes nasais têm maior sonoridade do que consoantes oclusivas, o que causa uma modificação no

encontro consonantal. Encontros formados por duas nasais, no entanto, pouco influenciaram a realização de epêntese (em 25 dados de 140 dados totais houve epêntese, um total de 18% de realização).

O cruzamento entre as variáveis ‘participante’ e ‘repetição da palavra’ evidenciou que os estudantes tendem a manter o comportamento nas duas leituras das palavras, ainda que o total de realização de epêntese não seja maior do que 50%. Os resultados da grande maioria dos participantes apontam para uma taxa de realização de epêntese inferior ao índice de 50%, mas quatro participantes apresentaram um comportamento diferente. Dois deles realizaram epêntese em 14, de 28 dados totais, para o fator ‘ambas as leituras’, ou seja, 50% de realização do fenômeno, e um outro participante apresentou taxa de 46% de realização de epêntese também para o fator ‘ambas as leituras’ (12/26). Houve, no entanto, um participante que realizou epêntese em 24 dados, de 32 no total, isto é, apresentou taxa de 75% de realização de epêntese para o fator ‘ambas as leituras’. Ainda que a variável ‘semestre do estudante’ não tenha sido selecionada como relevante pela análise do GoldVarbX (2005), todos esses participantes que apresentaram taxa de realização de epêntese superior à taxa dos outros eram estudantes do quinto semestre da graduação. Esse resultado acaba por refutar a hipótese inicial do estudo, que esperava que os estudantes do primeiro semestre produzissem mais epêntese do que os estudantes do quinto semestre.

## CONCLUSÕES

Este estudo analisou a realização de epêntese na produção em espanhol de estudantes da graduação em Letras – Português/Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande do primeiro e quinto semestres.

Foram objetivos da investigação analisar a produção em espanhol para examinar a ocorrência ou não de epêntese vocálica e observar se as palavras cognatas seriam responsáveis por um número maior de realização do fenômeno do que palavras não-cognatas; constatar se o contexto linguístico favoreceria a aplicação da regra de epêntese; e, por fim, analisar se os índices de realização desse fenômeno seriam maiores entre os participantes do primeiro semestre ou entre os participantes do quinto semestre de graduação, ou, ainda, se não haveria diferença significativa conforme os semestres.

De modo geral, os resultados da análise realizada no GoldVarbX (2005) mostraram pouca realização de epêntese por parte dos aprendizes brasileiros, evidenciando um comportamento de manutenção dos encontros consonantais conforme a estrutura silábica da língua estrangeira, sem que o padrão da língua materna dos estudantes fosse transferido para a língua meta. Ao contrário do que se esperava, nem o semestre dos participantes, nem as palavras cognatas favoreceram a inserção do segmento vocálico nas palavras analisadas. A respeito do contexto linguístico, os resultados apontaram que encontros consonantais formados por consoante oclusiva seguida de uma consoante nasal foram os que mais favoreceram a realização da epêntese, assim como aconteceu no estudo de Collischonn (2004).

Dentre as variáveis analisadas, o programa selecionou duas variáveis independentes linguísticas como estatisticamente relevantes para a aplicação da regra de epêntese, a saber: ‘consoante-alvo’ e ‘contexto seguinte à consoante-alvo’. Essas variáveis indicaram que consoantes fricativas ocupando a posição de coda da sílaba analisada foram as que mais favoreceram a realização de epêntese, enquanto as consoantes nasais ocupando a posição de ataque da sílaba seguinte foram as que mais favoreceram a aplicação da regra.

O programa também selecionou duas variáveis independentes extralinguísticas como estatisticamente relevantes para a regra de epêntese: ‘participante’ e ‘repetição da palavra’. A análise individual dessas duas variáveis mostrou que apenas um participante apresentou taxa de realização de epêntese superior a 50%, enquanto os índices de todos os outros não ultrapassou esse percentual. Em ‘repetição da palavra’, ficou evidenciado que os estudantes mantiveram o

comportamento durante as duas leituras de cada palavra, mas os maiores índices de realização de epêntese ficaram relacionados ao fator ‘primeira repetição’, o que indica que os participantes realizaram mais epêntese quando liam a palavra pela primeira vez.

A partir do cruzamento das variáveis selecionadas pelo programa como estatisticamente relevantes, os resultados da análise permitiram novas observações. O cruzamento de ‘consoante-alvo’ com ‘contexto seguinte à consoante-alvo’ evidenciou que encontros consonantais formados por consoantes oclusivas seguidas de nasais foram os que mais favoreceram a realização de epêntese, em conformidade com os resultados apresentados no estudo de Collischonn (2004). Esse mesmo cruzamento evidenciou também que encontros formados por consoantes nasais e seguidas por consoantes também nasais foram os que menos favoreceram a realização do fenômeno, por conseguinte, favorecendo a manutenção do encontro consonantal.

O cruzamento das variáveis ‘participante’ e ‘repetição da palavra’, por outro lado, novamente evidenciou que os estudantes tendem a manter o comportamento nas duas leituras, de modo que o número de dados totais foi superior ao número de dados dos outros dois fatores, a saber ‘primeira repetição’ e ‘segunda repetição’. Além disso, foi possível observar que os índices de apenas quatro participantes foram superiores aos da maioria: considerado o fator ‘ambas as leituras’ três apresentaram taxa de realização de epêntese próximo ou igual a 50% - um apresentou taxa de 46% de realização e dois apresentaram taxa de 50% de realização – e um apresentou um índice ainda mais elevado: 75% de realização de epêntese.

A respeito desse estudo, ressalta-se que, apesar de ter sido realizada apenas análise oitiva para verificar a realização ou não de epêntese, foram feitas três escutas por palavra para que se garantisse uma maior precisão, todas realizadas pela própria pesquisadora. Espera-se que, em estudo futuro, possam ser feitas análises acústicas para complementar e refinar as discussões sobre a aquisição de encontros consonantais do espanhol por brasileiros. Também se espera poder observar se o tipo de instrumento de coleta de dados e a frequência lexical dos vocábulos analisados influenciaram nos índices de realização de epêntese, uma vez que a leitura de palavras em frase-veículo e a baixa frequência de algumas das palavras pode ter influenciado a produção das consoantes em coda sem a inserção da vogal epentética.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, R. 2016. **Formalização fonético-fonológica da interação de restrições na produção e na percepção da epêntese no português brasileiro e no português europeu**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.
- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, M.H.M. (org.). **Gramática do português falado**. v.7. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999. p. 701-742.
- BRISOLARA, L.; COSTA, L. Dificuldades fonéticas ante secuencias de consonantes del español: el caso de la epéntesis en la interlengua del brasileño. **Artexto**: Revista do Instituto de Letras e Artes. Rio Grande, v. 14, s/n., p.21-31, 2013.
- CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 21. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.
- COLLISCHONN, G. Um estudo da epêntese à luz da teoria da sílaba de Junko Itô (1986). **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 149-158, jun. 1996.
- COLLISCHONN, G. Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, especial, p. 285-297, 2003.
- COLLISCHONN, G. Epêntese Vocálica e Restrições de Acento no Português do Sul do Brasil. **SIGNUM**: Estud. Ling., Londrina, n. 7/1, p. 61-78, jun. 2004.
- GASS, S. SELINKER, L. **Second language acquisition: An introductory course**. New York: Routledge, 2008.

- ITÔ, J. **Syllable Theory in Prosodic Phonology**. Tese (Doutorado - PhD) – University of Massachusetts, 1986.
- KAHN, D. **Syllable – based generalizations in English Phonology**. Tese (Doutorado, PhD) – Cambridge, Mass: MIT, 1976.
- LLORACH, E. A. **Fonología española**. Madrid: Editorial Gredos, 1965.
- PEREYRON, L. **Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira**. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul, Porto Alegre.
- PIKE, K. **Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behaviour**. 2 ed., The Hague: Mouton, 1967.
- PRIETSCH, N. **A epêntese na produção em espanhol de estudantes brasileiros do Sul do Brasil**. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras de Artes – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. **GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.
- SELKIRK, E. The syllable. In: HULST; SMITH (Eds.). **The structure of phonological representations (Part II)**. Dordrecht: Foris. 1982. p. 337-384.
- SELKIRK, E. **Phonology and syntax: The relation between sound and structure**. Cambridge: The MIT Press, 1984.
- SCHNEIDER A; SCHWINDT, L. A epêntese vocálica medial em PB e na aquisição de inglês como LE: uma análise morfofonológica. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 45, n. 1, p. 16-26, jan./mar. 2010.

Submetido em 08-08-2022

Aceito em 17-12-2022